

PSICOLOGIA E CARACTEROLOGIA

A psicologia, como sistema de conhecimentos relativos à vida anímica do homem, encontrou, em todos os momentos do seu desenvolvimento histórico, duas tendências opostas. De um lado, a interpretação dos fenómenos psíquicos como simples ou complexa consequência da vida orgânica e, de outro lado, pelo contrário, como actividade tipicamente consequente da vida espiritual do homem. Entre estas duas tendências extremas, encontra-se grande número de posições teóricas, catalogadas com maior ou menor precisão. Da primeira tendência têm-se aproximado as atitudes que pretendem dar à psicologia um carácter científico, idêntico ao das ciências do mundo físico-químico. Da tendência oposta, todas as atitudes que consideram a psicologia como um sistema de conhecimentos orientado por princípios radicalmente diferentes dos que dominam as ciências da natureza.

A oscilação entre estas duas posições extremas tem impedido o desenvolvimento da psicologia, ou, pelo menos, a clarificação dos seus fundamentos e, em parte, contribuído para o descrédito com que certos sectores da cultura consideram este ramo de conhecimentos. No entanto, o que à psicologia sucedeu, ou está sucedendo, deu-se igualmente com outras ciências, embora pela natureza do seu objecto tivessem chegado mais facilmente à solução destas dificuldades inevitáveis. Hoje, a psicologia começa a trilhar caminhos mais próprios e, abandonando os excessos destas duas tendências opostas, procura a sua via com segurança e bons resultados. A Dilthey cabe o mérito de ter chamado a atenção para o seguinte facto: que o método da psicologia, como *Geisteswissenschaft* (ciência do espírito), não podia ser uma construção a partir de elementos, forças e leis, como acontecia com as ciências físico-químicas, e segundo era intenção dos associacionistas, em especial, Herbart, Spencer e Taine. À noção de psicologia explicativa opôs ele a noção de psicologia descritiva, como primeiro passo para a libertação do excessivo causalismo de que os associacionistas faziam uso.

O psíquico tem uma estrutura que lhe é própria e o seu conhecimento exige a aplicação de princípios que lhe sejam adequados. As noções de estrutura, de forma e de totalidade foram utilizadas como instrumentos úteis no conhecimento do psíquico e, embora a sua aplicação, com sentido metodológico, seja relativa-

mente recente, já permitiu chegar a resultados muito mais notáveis do que os atingidos pela aplicação do princípio da causalidade, que era simples e inadequada transposição do mundo físico; e do critério de legalidade, que era resultante da generalização possível das ciências matemáticas. Quer isto dizer que a psicologia deve abandonar todo o interesse de rigor na sistematização dos seus resultados? Certamente que não. A psicologia é uma ciência tão rigorosa como qualquer outra; o que não é, nem pode ser, é uma ciência exacta, como se pretendeu no século passado.

A generalização de que ela é capaz é morfológica e não puramente quantitativa; as suas fronteiras são o típico e não o universal; a sua finalidade consiste no estudo do característico e não do geral. O morfológico, o típico e o característico, ou a forma, o tipo e o carácter, são os seus objectivos fundamentais. As leis de natureza quantitativa, geral e universal, pertencem a outros domínios. É já velho o debate entre os conceitos de verdade que podem aplicar-se a estes dois domínios radicalmente heterogêneos, e que levou, na Alemanha, à distinção entre as ciências da natureza e ciências do espírito, ou ciências nomotéticas e ideográficas, na classificação de Windelband. Às primeiras pertenceria a legalidade de tipo universalizante, às segundas as leis de tipo morfológico. A aplicação do quantitativo na determinação do psíquico desvirtuou, em muitos casos, a sua estrutura típica. A quantidade refere-se sempre a estados ou a situações permanentes. Na psicologia não é a permanência, mas a duração, a transitividade qualitativa que importa, como Bergson claramente demonstrou.

Qualquer tratado elementar de psicologia enumera os argumentos supostos válidos para a distinção entre fenómenos físicos e fenómenos psíquicos. Uns são extensos, outros intensos. Como heterogêneos que são, não podem, senão abusivamente, ser comparados com o mesmo padrão de medida. A quantidade é critério de avaliação dos primeiros, e não pode ser aplicada aos segundos, sem os deturpar estruturalmente. No entanto, há diferentes tendências na psicologia que usam de mensuração quantitativa e com resultados apreciáveis de natureza prática. Todavia, quando este problema se levanta, surge a seguinte questão: a quantidade apreende o que no psíquico é típica e estruturalmente psíquico, ou simplesmente o que, no psíquico, pertence à zona de interferência com o orgânico? É possível que os fenómenos mensuráveis pertençam aos domínios da psicofísica, da biopsicologia ou da psicofisiologia. Mas nada disso é ainda psicologia. O psíquico não parece ser susceptível nem de mensuração, nem de explicação causal.

Deixemos de parte este problema, pois não pretendemos invalidar qualquer dos domínios citados, cada um deles de reconhecida utilidade no estudo do comportamento e das reacções de ordem elementar sobre que assentam outras tipicamente psíquicas. Hoje, e apesar da longa evolução desta ciência, embora em curto tempo, evolução descaminhada pela transposição ilícita de métodos que lhe não

são próprios, volta a admitir-se, pelo menos na psicologia de inspiração alemã, tudo aquilo que a chamada psicologia científica, sob o signo de Descartes, tinha invalidado. Quando se fala da alma, ou da psique, volta-se a reconhecer que, com razão, Aristóteles nela distinguiu diferentes camadas que merecem, de per si, um estudo adequado. Apesar da batalha de descrédito lançada contra o primeiro sistematizador grego da psicologia, parece que, de novo, e com fortes e bem fundadas razões, aquilo a que vulgarmente se chama alma não possui a unidade que nos tempos modernos se pressupôs. Como em outros domínios aconteceu, a cultura moderna pretendeu descobrir a unidade na pluralidade tradicionalmente admitida.

Conquanto seja possível a afirmação de uma unidade funcional nas manifestações psíquicas do homem, parece que ela é sempre resultante de uma pluralidade estrutural, se assim pode dizer-se. Para Aristóteles, como é sabido, a alma possuía três zonas: vegetativa, sensitiva e intelectual. Parece que temos de voltar a tal concepção para clarificar os problemas da conduta humana, que a elaboração de uma psicologia demasiado geral sempre desconheceu. Adiante voltaremos ao problema. É claro que a unidade do método, sempre pressuposta, transpôs por sua vez o vegetativo em sensitivo, e este quase sempre em intelectual, que foi sempre a zona de preferência nos estudos dos psicologistas de formação científica. A adopção de métodos impróprios no estudo da psicologia e a correspondente deturpação dos fenómenos psíquicos não ficou por aqui. O associacionismo foi, como é sabido, resultante da transposição dos princípios da mecânica para o estudo da alma. E o mesmo sucedeu com o chamado sensualismo, que corresponde à transposição dos métodos atomistas das ciências físico-químicas.

Hoje duvida-se do domínio universal de tais princípios e volta-se a admitir o globalismo como método típico da psicologia. Outros processos de investigação têm sido postos em prática, e com eles se tem conseguido resultados que, nem de longe, foram atingidos pelos métodos criticados. Para se avaliar quanto a psicologia está longe ainda de se ter libertado do que metodicamente lhe não pertence, basta talvez fazermos notar que no livro de Emil Saupé *Einführung in die Neuere Psychologie* («Introdução à Psicologia Contemporânea») são apresentadas e tratadas por especialistas de renome, como Messer, Wertheimer, Müller-Freienfels, Stern, Cohn, Giese, Bühler, Tumlriz, Adler, Utitz e muitos outros, nada menos de vinte e oito escolas ou tendências diferenciadas na psicologia contemporânea alemã, cada uma delas bem etiquetada e bem segura, pelo menos assim estão convencidos os seus defensores, das vias seguidas para a investigação da vida psíquica. Não é também de estranhar que Karl Bühler tivesse dedicado a tal estado de coisas um livro intitulado *Krisis der Psychologie* («A Crise da Psicologia»), e que, depois da crítica à situação confusa criada por todas essas tendências, ao mesmo tempo fizesse desenvolvida apologia de mais uma, de que se considera fundador, e que tem a linguagem como base de estudo da psique humana.

Todavia, todas estas tendências e escolas, que sucessiva e simultaneamente têm orientado a psicologia, pouco têm contribuído para o conhecimento do homem. Pode mesmo dizer-se que, em geral, o têm notavelmente desantropomorfizado, pois não se fica conhecendo melhor o homem depois de rigorosamente se ter determinado o grau da sua sensibilidade cutânea, ou depois de se ter dado o nome às fibras nervosas aferentes ou eferentes na condução de uma vaga entidade chamada fluxo ou energia. Tudo isso pode levar a resultados importantes no conhecimento de certos tecidos componentes do corpo humano, mas a realidade psíquica não é certamente aí que reside. O homem, depois de todas as investigações a que se submeteu, não continuou apenas desconhecido, mas quase irreconhecível. Os princípios gerais e a tentativa de formulação de leis universais, que a chamada psicologia científica pretendeu estatuir, a exemplo de outros conhecimentos já anteriormente sistematizados, levou a uma deformação e possivelmente a uma deturpação do psíquico, enquanto pura e realmente psíquico.

É que, neste domínio da observação e experimentação, as coisas não se passam como em outros domínios do saber, de mais fácil objectivação. Repetimos, a generalização da psicologia antropológica, quando possível, é de natureza morfológica e não abstracta, é típica e não universal, é característica e pessoal e não amorfa e geral. Qual o valor, de facto, de uma psicologia geral, demasiado geral porventura, que não tome em conta e não possa esclarecer a compreensão do homem enquanto homem? É certo e seguro que tal psicologia já fez a sua época e que os métodos a pôr em prática, no momento actual, sob o signo da antropologia e da caracterologia, têm de ser outros, se realmente é o conhecimento concreto do homem que lhe interessa. E o conhecimento do homem, do seu temperamento e do seu carácter, não pode ser conseguido ou atingido quando a psicologia se reduz à determinação dos tempos de reacção, à medição do grau de sensibilidade epidérmica ou à determinação hipotética das funções do córtex.

Este estado de coisas é realmente insatisfatório, porque se esqueceu que, afinal, a psicologia é, ou deve ser, um instrumento de penetração e esdarecimento da vida anímica do homem. Isto é, a psicologia, mais do que qualquer outra ciência, não tem finalidade em si. É o homem o fim de todas as coisas, segundo afirmou, com verdade, o sofista grego. E, neste sentido, há já várias tentativas de grande importância na compreensão do que deve ser a psicologia. Há mesmo quem discuta se, de facto, há apenas uma psicologia – Spranger, *Die Frage der Einheit der Psychologie* («A Questão da Unidade da Psicologia») – e chegue à conclusão de que, ao lado da psicologia explicativa e causal, há uma outra psicologia compreensiva e hermenêutica; de que, ao lado da psicologia de base indutiva e generalizadora, há uma psicologia interpretativa e morfológica; de que, ao lado da psicologia atomista e associacionista, há uma psicologia estrutural e totalitária. E uma das tentativas mais recentes para orientar a psicologia para o

aspecto representado pelo segundo elemento da oposição pertence a Tumlirz, com a sua *Antropologische Psychologie* («Psicologia Antropológica»), que, parece, será a tendência dominante na psicologia do futuro.

Trata-se de elaborar uma psicologia próxima e útil ao conhecimento do concreto humano. De alta importância neste domínio é também o trabalho de Rothacker, *Die Schichten der Persönlichkeit* («As Zonas Constituintes da Personalidade»), pelo que, sistematicamente, nos oferece para a compreensão do homem no estudo das suas camadas diferenciadas estruturalmente, desde o vegetativo, motor e sensorial, até às suas manifestações de ordem espiritual. E outras tendências seguem a mesma via, em sentido oposto ao da psicologia tradicional. W. Stern exprimiu em boa forma o princípio geral que as domina: «Quanto mais longe foi a decomposição de uma acção humana nas suas funções elementares, quanto mais estas se estudaram isoladamente e em minúcia, tanto mais se julgou conhecer a verdadeira estrutura dessa acção. Procurou-se registar exactamente, muitas vezes com aparelhos de precisão muito complicados, os aspectos parciais – mais simples da acção, tempos de reacção, comparação de grandezas visuais, sensibilidade e memória para as séries de excitações uniformes. Mas é impossível hoje manter este dogma; surge mesmo a tendência para admitir a tese contrária: pela decomposição em testes elementares e pela sua aplicação isolada, não nos aproximamos da essência da personalidade, pelo contrário, afastamo-nos dela». E Boven, em *La Science du Caractère*, desenvolve e tira conclusões importantes, seguindo esta mesma via.

Sob o aspecto metodológico, parece também que o conceito objectivo de verdade não se adequa à psicologia como ciência. O conceito de verdade, a usar no mundo psíquico, não pode ser o mesmo que o conceito de verdade utilizado nas ciências do mundo físico, como Vico, contra Descartes, muito bem afirmara. Grassi, em um ensaio publicado em *Kantstudien*, de 1943, elabora em forma sistemática a oposição entre verdade e verosimilhança, e dá a esta o valor de verdade possível em psicologia. A maior parte das atitudes que pretenderam constituir a psicologia como ciência era animada pelo desejo sério de fazer dela uma ciência como as outras. Contra esta pretensão há, porém, um argumento de valor: que o objecto da psicologia em nada se assemelha aos objectos das ciências, que lhe apresentaram como modelo.

Foram estas as dificuldades da psicologia tradicional que prepararam o desenvolvimento da chamada caracterologia. O estudo do temperamento e do carácter já mereceu interesse a Platão, a Aristóteles e a Teofrasto, onde se encontram indicações provenientes de fina análise. Os moralistas franceses; os românticos alemães, especialmente Carl Gustav Carus, e sobretudo Nietzsche, são considerados os precursores deste ramo de conhecimentos, cuja formulação precisa e

correspondente sistematização se está fazendo nos nossos dias. Os trabalhos de Kretschmer são hoje bem conhecidos, e a sua distinção entre tipos psicológicos de natureza ciclotímica, esquizotímica e mistos, a que correspondem características somáticas conformadoras dos tipos pícnico, atlético, asténico e displástico, entrou já no domínio da cultura geral. Partindo da observação de casos frequentes em patologia mental, Kretschmer estudou os elementos de natureza psíquica que eram reveladores de cada tipo, e mostrou quanto as deduções gerais da psicologia tradicional eram inadequadas para o conhecimento do homem. Cada um destes tipos reage com um tempo pessoal próprio, que experimentalmente foi determinado, e que quase só por si permite prever e incluir os respectivos indivíduos no tipo a que pertencem.

A natureza da percepção, da representação e da compreensão são também diferencialmente típicas, como igualmente é característica, em cada tipo, uma especial relação com o mundo exterior. A capacidade de «objectção», ou a faculdade de objectivação do mundo circundante, é diferente para cada tipo que, por sua vez, tem como substrato uma «forma de pensamento» que radica os interesses de ordem vital ou espiritual do homem. O ritmo de trabalho, a capacidade de resistência à fadiga, a predominância mnésica para a forma ou para a cor, a extensão da capacidade de compreensão, a preferência no género de concatenação das representações (associativo ou perseverativo), a possibilidade de adaptação a novas situações, o grau de excitabilidade, a forma de comportamento perante tarefas, etc., tudo isso tem sido assunto de importantes investigações, e tem radicado a orientação tipológica na psicologia. Por seu lado, a estatística tem-nos fornecido importantes dados de grande interesse caracterológico. Sabe-se, por exemplo, que o tipo pícnico escolhe de preferência profissões de natureza prática, enquanto o leptossomático, ou asténico, prefere as profissões com relevante carácter teórico. A predominância da forma sobre a cor na actividade visual é característica do esquizotímico; o contrário, predominância da cor sobre a forma, é verificado nos ciclotímicos, etc..

Outra tentativa para a formulação sistemática de uma tipologia pertence a Jaensch. Para Jaensch, a conformação tipológica é proveniente da integração ou desintegração das funções psíquicas relativas ao pensamento, à emoção, à vontade, à representação, etc.. Em cada um dos tipos estudados e classificados, a integração tem características próprias relativamente à função ordenadora e conformadora de todas as outras, igualmente coexistentes. Jaensch tem dedicado interesse especial ao estudo dos eidéticos, indivíduos nos quais a representação se aproxima de maneira notável em intensidade da percepção. Isto é, o eidético dá às suas representações mentais o carácter de percepções do mundo real. Este problema tem grande importância para a pedagogia, porque tais quadros ópticos subjectivos surgem frequentemente na adolescência, embora sejam patentes também

nos artistas plásticos adultos. Outros casos de integração são, porém, possíveis entre pensamento e emoção, instinto e vontade. Quando a integração entre quaisquer destas funções se não verifica, temos casos igualmente normais de desintegração. Esta verifica-se principalmente no desacordo do homem com o seu mundo circundante, ou com o seu meio social, e atinge diferentes graus de inadequação. Jaensch chegou, a este respeito, à seguinte conclusão: «Quanto mais fraca é a integração, tanto mais se distingue no indivíduo a representação da percepção».

Isto permitiu-lhe ainda determinar com precisão notável as características principais dos seus tipos. O tipo I (integrado) tem uma forte tendência para a compreensão global e uma actividade sintética de pensamento, enquanto o tipo D (desintegrado) possui uma capacidade predominantemente analítica e um interesse pelo particular mais forte do que pelo geral. O tipo I é dotado de atenção sintética e dinâmica; o tipo D é dotado de atenção analítica e estática. O tipo I possui capacidade de concentração, enquanto o tipo D não a possui, e é oscilante e indeciso nos seus interesses. Quanto às características mentais, o tipo I é ideomorfo e o tipo D fisiomorfo. No primeiro tem especial relevo a concatenação teleológica, no segundo predomina a concatenação causal. Jaensch estabeleceu ainda um outro tipo que denominou sinestético (tipo 5), no qual os seus interesses, em confronto com o tipo I e o tipo D, são predominantemente ou exclusivamente subjectivos. Neste caso, o mundo exterior é compreendido sob a forma das suas próprias vivências, e não possui qualquer significação objectiva.

Jaensch, além dos três tipos mencionados, admite um outro tipo denominado de Basedow (tipo B) e que representa um caso de superintegração, como é frequente nos indivíduos que sofrem da doença de Basedow. Por sua vez, o seu tipo I subdivide-se ainda em três subtipos I_1 , I_2 , I_3 . O subtipo I_1 encontra-se sempre coerente com o mundo exterior; o subtipo I_2 só se encontra em coerência com o mundo exterior quando neste há correspondência com os seus ideais. Isto é, o acordo, neste caso, é intermitente e condicionado. Relativamente ao subtipo I_1 , tem o subtipo I_2 uma maior intensidade de vida afectiva, uma memória caracteristicamente egocêntrica e uma forma de pensamento crítica e céptica, e a sua representação da realidade é mais abstracta do que a do subtipo I_1 . A sua vontade é motivada intelectualmente, hesita muitas vezes entre deveres e inclinações e é, no fundo, um insatisfeito.

Relativamente a estes, é muito diferente o subtipo I_3 . A sua integração está dirigida para dentro e tem o menor contacto possível com o mundo exterior. É o tipo de homem fechado consigo mesmo e que se distancia voluntariamente dos outros homens. É o caso dos solitários, que só em casos especiais, motivados por simpatia, quebram o seu isolamento. Altamente consequentes e firmes nos seus propósitos, preferem tudo a ceder contra as suas posições ideológicas. Quanto aos

sinestéticos, divide-os ainda Jaensch em dois outros subtipos, S_1 e S_2 . O subtipo S_1 corresponde à forma de pensamento teórica construtiva, e em especial aos matemáticos. Neles predomina a razão como norma de vida. O subtipo S_2 é, segundo Jaensch, característico do homem lúdico, do homem que joga com noções, e não se submete a um princípio rígido de ordem ética, é polimórfico e pluralista. De todas estas considerações, que apenas pretendem, de forma resumida, dar um aspecto geral das mais recentes investigações tipológicas, ressalta, sem esforço, que esta ordem de trabalhos trilha caminhos muito diferentes daqueles que a psicologia tradicional estava demasiado habituada a trilhar. E, sobre as suas possibilidades de aprofundamento do complexo humano, parece que já hoje não restam dúvidas acerca da sua grande importância no conhecimento do homem.

Não devemos esquecer neste rápido conspecto o psicólogo suíço Jung, fundador da chamada psicologia analítica. A realidade psíquica é, para Jung, mais vasta do que a alma, no sentido tradicional, e compreende o consciente e o inconsciente. A alma é apenas um «complexo funcional» numa esfera mais vasta, que a subordina e a compreende. O ponto central móvel dessa esfera é o eu, proveniente do inconsciente originário. Este eu vai-se formando sucessivamente e é banhado por uma esfera concêntrica, a que Jung chama consciência, que, por sua vez, é rodeada pelo «inconsciente pessoal», circundado totalmente pelo «inconsciente colectivo». O inconsciente colectivo é a camada exterior que limita a realidade psíquica. A tipologia de Jung fundamenta-se nas relações compensatórias diversas que o eu mantém com o consciente, inconsciente pessoal e inconsciente colectivo respectivamente. As quatro funções fundamentais que orientam o indivíduo humano são o pensamento, a emoção, a sensação e a intuição. O pensamento e a emoção são chamadas funções racionais, porque se movem entre valores opostos: o pensamento entre o verdadeiro e o falso, a emoção entre o prazer e o desprazer. Em cada tipo predomina uma ou outra destas funções, e a subordinada fica quase sempre em estado rudimentar, dada a tendência da predominante ao domínio total da personalidade. A sensação e a intuição são, para Jung, funções irracionais, porque o seu domínio de interesse é a percepção e a captação de sentido. A sensação pretende verificar as coisas como elas são, e é por isso considerada a função do real por excelência. A intuição, como capacidade de percepção interior, é, relativamente à sensação, tão exclusiva como o pensamento a respeito da emoção. A base da classificação tipológica de Jung, partindo destas considerações, põe em relevo dois hábitos de reacção no indivíduo humano: o tipo introvertido e o tipo extrovertido.

De outra ordem de considerações parte Spranger para fundamento da sua tipologia. Procurando as formas basilares da legalidade do acto espiritual, encontra Spranger seis tipos individuais de natureza ideal, que lhe servem para classi-

ficar o complexo do comportamento humano em seis formas de vida bem diferenciadas e caracterizadas. Essas seis formas de vida são as seguintes: o homem teórico, o homem económico, o homem estético, o homem social, o homem político e o homem religioso. Os princípios que orientam a conformação vital de cada um deles são necessariamente diferentes. Embora alguns deles possam coexistir no mesmo indivíduo, há, sem dúvida, predominância de um sobre todos os outros e, ao mesmo tempo, a elaboração inconsciente de uma tábua de valores que coloca o indivíduo, em todas as suas reacções, dentro do tipo a que pertence, embora ele o não saiba, e julgue mesmo que o seu mundo próprio é diferente daquele em que vive e age, mas que o observador, dotado de suficiente penetração, descobre com maior ou menor dificuldade.



É um facto de comprovação diária que o comportamento espontâneo do homem, os seus movimentos, os seus gestos, os seus traços fisionómicos, a sua voz, em geral o seu tipo, são indícios que permitem certas conclusões possíveis sobre o seu carácter. Mas a estrutura psicossomática do homem, só por si, não nos pode dar indicações sobre o fundamento do seu carácter. Os gestos, as atitudes, e sobretudo a grafia, permitem-nos conhecer camadas mais recônditas da alma. O psicólogo contemporâneo que, sem dúvida, na pegada de Nietzsche, mais profundamente penetrou no carácter humano, usando, em parte, os meios e processos já conhecidos na história, é Ludwig Klages. Este investigador, fixado na Suíça, inaugurou uma nova época na história da psicologia, e as tendências que sistematizou são hoje bem conhecidas sob a designação de caracterologia.

Todo o construtivismo explicativo de fundamento psicofísico e psicofisiológico, dominante sucessiva ou alternadamente no século passado, e ainda no século actual, serviu apenas à demonstração, no melhor dos casos, de que o que é típico no comportamento da alma humana tem uma natureza *sui generis*, incapaz de ser esclarecido e compreendido com o auxílio de princípios que não respeitem a sua estrutura. Como já vimos, o associacionismo, que durante algum tempo pareceu ser o tipo de legalidade dos fenómenos psíquicos, mostrou-se afinal inadequado e produto da transposição da lei da gravitação universal para os domínios do psíquico. Muitas outras tendências, repetimos, dominaram a psicologia nos últimos decénios e, embora, no melhor dos casos, apenas ficassem mais esclarecidas as regiões de contiguidade do fisiológico com o psíquico, certo é que também, em todos os casos, se verificava a impotência dos métodos empregados para ir mais além.

Surge então um novo caminho de acesso ao psíquico: a fixação preliminar do que estruturalmente é psíquico e a exclusão do infra e suprapíquico, que até

então tinha tido posição de relevo na explicação dos fenómenos psíquicos. O método não deveria pretender explicar o psíquico subindo do fisiológico, nem descendo do espiritual. O domínio do vital e do espiritual, conquanto mantenham relações de estreita interdependência com o psíquico, são-lhe radicalmente heterogêneos. O psíquico tem como base de suporte o vital, como o espírito, por sua vez, se apoia no psíquico. Mas o que à psicologia interessa é, de facto, essa região intermediária, muitas vezes confundida com o espiritual e muitíssimas vezes com o vital ou orgânico. A psicologia experimental, que a muitos psicologistas parecia ter trazido a solução do problema, mostrou-se afinal uma pura confirmação, partindo de dentro, das relações sensoriais que o indivíduo mantém com o exterior, isto é, uma física mental. Aliás, o seu campo de operações, limitado ao sensorial, levou alguém com autoridade para isso, porque durante certa fase acreditou na psicologia experimental, Bertrand Russell, a chamar-lhe uma física do mundo interior ou «a prova real do que o homem é obrigado a registar no mundo exterior».

E assim, depois de tantos anos de buscas desorientadas, reconquistou-se uma posição perdida e voltou-se a ler o primeiro sistematizador da psicologia: Aristóteles. Com esta redescoberta ficou assente que a psicologia não precisava, para se constituir sistematicamente, de ser psicofísica ou metafísica, como sempre, tacitamente ou não, se admitia. Não é, pois, a física da alma nem a metafísica da alma que interessam à psicologia como ciência, mas sim, e sobretudo, o conhecimento do psíquico, no sentido que os Gregos davam a este termo. Já vimos que um dos mais profundos precursores da psicologia actual que, seguindo estas linhas de orientação, pretendeu libertar a psicologia de tudo o que deturpava a sua sistematização como ciência, foi o alemão Dilthey. Este pensador a todos os títulos notável, embora pouco conhecido no Ocidente de cultura românica, iniciou no fim do século passado a sua luta metódica por uma psicologia autêntica, criticando sobretudo as tendências construtivistas (de inspiração inglesa) e explicativas (de inspiração francesa) e preparando as vias para o que ele chamou uma psicologia compreensiva e descritiva, que, de certo modo, quanto ao último aspecto, tinha também sido defendida por Brentano.

O que mais prejudicou o desenvolvimento da psicologia como ciência foi o tipo teórico de legalidade, que os psicologistas começaram por admitir, como facto definitivamente assente. Não há ciência se não do universal foi um princípio que, transposto das ciências matemáticas, vigorou no século passado como fundamento firme, que qualquer ciência teria de imitar, se quisesse gozar da dignidade que só a actividade científica merecia. Mas a ciência e o seu conceito universal de verdade sofreram posteriormente a crise inevitável causada pelas suas extensas pretensões de universalismo. Tal universalismo, aliás, parece ser mais consequência de uma interpretação errônea de Aristóteles do que firme propósito do pensa-

mento aristotélico, como tentámos mostrar em *Conhecimento e Realidade*, p. 92. Só há ciência do genérico, é fórmula diferente da que pretende ser deduzida de Aristóteles ou de Platão. O objecto primeiro da psicologia é o individual, como também o é da ciência física. E esta intenção individual de uma e outra ciência foi, certamente, motivo mais do que suficiente para a aproximação entre ambas, que a história da psicologia nos mostra.

Com uma pequena diferença, porém: o individual psíquico, conquanto os aspectos idênticos em que se revela se deixem agrupar em géneros, ou tipos especificamente diferenciados, fica sempre estruturalmente individual; o individual físico, conquanto revelando-se em aspectos diferentes, deixa-se sempre agrupar em géneros ou tipos que perdem essencialmente a sua característica individual. Duas pedras de forma diferente são sempre, independentemente da forma, pedra que obedece a tais e tais comportamentos de natureza causal; dois indivíduos humanos, apesar da sua possível semelhança de aspecto e conformação, são sempre dois indivíduos com reacções próprias, que sempre e a cada momento os distinguirão. Isto é, o individual de natureza física e o individual de natureza psíquica são diferentes e heterogéneos, e em nada se assemelham. Um dissolve-se num universal ilimitado, outro limita as suas fronteiras de identificação ao género ou ao tipo. As tendências epistemológicas do século passado, e do princípio do actual, ligaram pouca importância a esta diferenciação. O individual psíquico, ou físico, era o que a ciência pretendia sempre, e em qualquer caso, reduzir a idêntico, como Meyerson, em França, teorizou. Atitude oposta foi também em França defendida, e com bons argumentos, por J. Chevalier, num livro com o título *L'Idée et le Réel*.

Tudo isto preparou o terreno para a moderna caracterologia, no sentido que esta ciência tomou com Klages. Segundo o que já ficou dito, Klages distingue no homem o orgânico, o anímico e o espiritual. Como momentos característicos do primeiro, admite o sensorial e o motor, que são funções de receptividade e de movimento, primárias em todo o ser vivo. Os momentos correspondentes no domínio anímico são, para ele, a contemplação e a figuração ou formação (*Gestaltung*). No domínio do espírito, os actos correspondentes são a compreensão e a vontade. Só estes últimos pertencem tipicamente ao humano, e pressupõem um centro coordenador do sensorial, contemplativo e compreensivo, de um lado, e do motor, figurativo e voluntário, de outro lado, que é o «eu». Para Klages, tanto o animal como o homem primitivo eram desprovidos de «eu». Ou, de outra maneira, a relação entre o animal e o mundo circundante é imediata, porque entre a «imagem» do mundo exterior e a alma existe uma relação vital magnética. São as «imagens» (*Bilder*), cuja importância no comportamento vital é posta em relevo por Klages, o móbil dos instintos: Imagem é, portanto, um produto do vital e não da consciência, como o julgava a psicologia tradicional, embora identificasse o vital com o inconsciente.

A existência do animal e do homem primitivo é dominada pela relação entre a alma e a natureza, por intermédio da «imagem». A imagem é o estímulo que serve de força atractiva. Estes estímulos, convém acentuar, porque a sua teoria constitui parte fundamental do sistema de Klages, são de natureza vital. No homem consciente de si é rara esta possibilidade de relação imediata com a natureza. Em lugar de estímulos são os «fins» os seus motivos de acção, que, só por si, são reveladores do «eu». Estes motivos, que surgem na esfera da vontade, são chamados por Klages *Triebfedern*, que não pode traduzir-se por «interesses», embora englobem o que com esta designação a psicologia pretende exprimir. A diferença entre estímulo e interesse consiste no seguinte: os estímulos são provenientes da esfera do vital, os interesses implicam a existência de consciência e de «eu». A oposição entre estímulo (*Trieb*) e interesse (*Triebfeder*) é a base da oposição entre a alma e o espírito.

É esta distinção entre alma e espírito, e a determinação das manifestações que a cada um pertence e que a psicologia tradicional tinha confundido, que constitui o fundamento da metafísica de Klages. A sua caracterologia está profundamente penetrada por esta distinção, e é surpreendente a quantidade de novos problemas que as suas teorias lançaram para discussão. Não é a apresentação da sua problemática que aqui pretendemos, pois isso levar-nos-ia muito longe, dado os numerosos trabalhos publicados deste autor. Simplesmente referimos aqui o que tem interesse mais próximo para o estudo da personalidade. A este tema dedicou ele um livro de grande importância para a caracterologia: *Persönlichkeit* («Personalidade»). O carácter, segundo Klages, diferencia-se em cinco zonas: matéria (*Stoff*), estrutura (*Gefüge*), qualidade (*Artung*), tectónica (*Aufbau*), aspectos (*Haltungsanlagen*). A matéria é o nome genérico que Klages aplica às aptidões da pessoa, como memória, compreensão, subtileza, esquecimento, força de vontade, sensibilidade, etc., isto é, dons não só da inteligência, mas também da emoção e da vontade. As capacidades ou aptidões que o homem revela são um desmentido directo da doutrina estóica, adoptada pelos sensualistas ingleses, que considerava os homens no nascimento iguais, e só diferenciados pela educação e pelo convívio. Era a doutrina da «tábula rasa».

Klages diz com razão: com efeito, ninguém nasce com ideias inatas, mas todos nascem com maior ou menor possibilidade, fundamentada nos seus dons, de vir a atingir ideias sem correspondência com os objectos empíricos. Isto é, cada indivíduo é dotado de diferentes aptidões. As aptidões são, em certos casos, quantificáveis, são maiores ou menores, e deixam-se traduzir por números. São como que um capital natural que pode perder o homem, ou fazer render a sua vida. A estrutura do carácter pertencem o temperamento, a excitabilidade e a mobilidade. Entre a estrutura do carácter e as aptidões não há relação. Quanto à qualidade do carácter, entramos num domínio que é objecto dos interesses. Klages define-os

como qualidades directivas da vontade. Relativamente à tectónica, trata-se da harmonia, ou desarmonia, das diferentes qualidades e das diferentes zonas do carácter, que surge predominantemente assente sobre tal ou tal outra qualidade e em equilíbrio com todas as outras, ou manifesto desequilíbrio. E, no que se refere ao aspecto, trata-se sobretudo da notação de atitudes, que a tipologia tem observado, mas que a caracterologia de Klages não admite, porque as qualidades de carácter inferidas do aspecto quase nunca estão em relação de identidade com aquilo a que se pode chamar carácter fundamental, para empregar a designação de Pfänder, caso que, aliás, é do domínio da observação de toda a gente, pois nem sempre o aspecto exprime, com verdade, o que o indivíduo realmente é.

É ainda a Pfänder que se deve um dos ensaios mais esclarecidos sobre a análise do carácter (*Grundprobleme der Charakterologie* – «Problemas Fundamentais da Caracterologia») e que, sem a complexa arquitectura de Klages, nos permite uma outra compreensão destes difíceis temas. Mas vai longe esta exposição para tratarmos, com o desenvolvimento que merece, o trabalho deste conhecido fenomenólogo alemão. Seria interessante mudar de clima e expor o que na América se está fazendo, de acordo com as tendências da psicologia expostas nestas páginas. É falso concluir que na América vigora ainda a psicologia tradicional, como muitas vezes se tende a crer. O panorama é certamente muito mais vasto do que na Europa, e a caracterologia, como reacção contra a psicologia de Wundt, é digna do maior interesse. Contam-se hoje na América, melhor ou pior fundamentadas, mais de duzentas variedades de psicologia. Se destas apenas dedicássemos atenção às mais importantes, mesmo assim teríamos neste domínio um campo mais vasto do que na Europa. Mas, pelo mesmo motivo, temos de deixar de parte o estudo das modernas tendências da psicologia na América.

Em forma de conclusão, podemos dizer que a psicologia actual, de inspiração antropológica, considera o homem como uma trilogia. Na sua estrutura podem determinar-se, com certa precisão, três zonas de composição, cuja análise metódica nos permite compreendê-lo mais profundamente do que admitindo qualquer monismo mais ou menos arbitrário. E se percorrermos a história do problema das relações entre a alma e o corpo, dificilmente poderemos achar satisfação em qualquer das soluções propostas ou, mais propriamente, em qualquer das formas propostas para iludir o problema, sob o aspecto de solução. O problema das relações entre a alma e o corpo foi o tema central da psicologia metafísica no século XIX, e as atitudes solucionantes tiveram aspecto pendular até Bergson e Klages. Mas a esterilidade da discussão do problema, e mesmo a subtil solução proposta pelo filósofo francês, provieram deste simples facto: que tal problema é produto de uma dicotomia arbitrária e sem sentido. O ponto erróneo da questão consiste na separação – logicamente admissível, ontologicamente imperdoável – que se começa por admitir com a posição inicial do problema. Não

é possível distinguir corpo e alma, com sentido de separação ontológica, e depois recriar com eles o homem.

Prinzhorn dedicou a este problema um livro (*Leib-Seele-Einheit* – «A Unidade Corpo-Alma») de grande interesse, mostrando que só a caracterologia pode resolver as dificuldades criadas à volta da questão pela psicologia metafísica e pela psicologia científica. Seguindo Nietzsche, a quem a moderna psicologia deve imenso, Prinzhorn descobre-nos as ilusões da psicologia reinante por volta de 1900, e indica os novos caminhos já atrás esboçados. O segundo ponto também erróneo na posição do problema consiste, depois de feita a distinção, na valorização unilateral de um dos termos – alma ou corpo – e manifesta desvalorização do outro. Para uns, é o corpo o elemento primeiro e a alma o secundário, e para outros é a alma elemento primeiro e o corpo secundário. Daqui seguem-se posições metafísicas mais ou menos insubistentes. Como esta posição estática do problema não era suficiente, introduziu-se como elemento de transição entre ambos a ideia de evolução, e admitiu-se um criacionismo evolucionista da alma a partir do corpo, ou do corpo a partir da alma. Por sua vez, os progressos da física permitiram esbater certas fronteiras e dar uma solução monista, em novos termos, a este velho tema.

Deixemos o problema, de bem fraca memória pela confusão que trouxe e pela glória fácil que emprestou a alguns psicologistas. O problema da alma e do corpo é um pouco mais complexo, e a via da sua compreensão mais profunda tem hoje aspecto diferente do que tradicionalmente se admitia. O chamado paralelismo psicofísico é um dos mais flagrantes exemplos da incapacidade teórica da psicologia tradicional para solucionar um problema de complexidade muito diferente da que tal processo pressupunha, com a ideia simplista de transposição pura e simples para a *res cogitans* da lógica própria para a *res extensa*. E deste erro pretende totalmente libertar-se a actual caracterologia. «O corpo é a expressão da alma, e a alma o sentido do corpo.» Daqui a importância da fisionomia (cujo principal cultor, nos nossos dias, é Piderit) e da grafologia (cuja sistematização e aprofundamento é devida a Klages) para as novas tendências, com o intuito útil de esclarecer o que, doutra maneira, ficaria submerso em princípios gerais, que nada aproveitariam à finalidade da psicologia: o conhecimento do homem.